

Entrevista exclusiva com o cineasta Cao Guimarãesⁱ

O diretor mineiro Cao Guimarães foi premiado no festival É Tudo Verdade pelo documentário A Alma do Osso, no qual mostra fragmentos do mundo e do cotidiano de um velho ermitão. Leia abaixo sobre seu método de aproximação dos personagens reais;

ÉPOCA: Qual sua opinião sobre pagamento de entrevistados ou personagens nos documentários? Pagou para fazer Alma do Osso, ou fez algum tipo de acordo, em caso de prêmios, por exemplo?

Cao Guimarães: Sou da opinião de que, se possível, deve-se remunerar sim os personagens de um documentário. No mínimo eles estão empregando seu tempo na confecção de uma obra, ou seja, estão também trabalhando. No caso de *A Alma do Osso* entrevistamos mais 2 personagens além de Dominginhos da Pedra, que se tornou personagem único do filme). Pagamos todos eles menos o nosso personagem que se recusou terminantemente a receber qualquer pagamento. Tentamos então oferecer-lhe presentes, objetos que poderiam lhe ser útil como uma enxada, um canivete, que ele no final do filme revela que o escondeu para que quando morresse nós o resgatássemos de volta. Demos um radinho de pilha, que aparece no filme numa cena que ele mesmo sintonizou uma música para escutar. Gastamos horas tentando convencê-lo a aceitar os presentes pois ele sempre queria pagar por eles. Ou então, caso não tivesse dinheiro ali no momento, que ficasse devendo para um dia poder quitar a dívida. Fizemos o filme com um baixíssimo orçamento do qual apenas recebemos 2 parcelas até agora. Apenas os personagens, os que se dispuseram a aceitar, receberam seus pagamentos integrais. Eu tive que tirar dinheiro do meu bolso para terminar o filme, assim como a equipe técnica espera pacientemente para receber integralmente sua merecida remuneração. Sobre os dividendos que o filme possa ter, tudo é muito relativo. Não dá para fazer nenhum tipo de contrato, ou obrigação com relação aos personagens de um documentário. Fazer arte (principalmente no Brasil) é um ato de amor. Nunca ganhei dinheiro com cinema no Brasil. Se ganhasse, obviamente gostaria de dividi-lo com as pessoas que me ajudaram a

fazer a obra, inclusive os personagens. Mas isso é uma questão de ética pessoal e afetiva e não uma obrigação jurídica, pois quem ganha dinheiro com um filme são principalmente pessoas intermediárias na comercialização do filme, raramente as pessoas que realmente a realizaram.

ÉPOCA: Muito se discute, principalmente após a volta ao circuito exibidor dos filmes de Eduardo Coutinho, sobre a ética do documentário, no tocante ao tratamento do personagem, de modo a não mostrar ninguém sem dignidade, a não promover uma exposição ao ridículo, mas também há quem veja nessa auto-patrolha ética, nesse respeito excessivo ao outro, um empobrecimento da relação entre o documentarista e o documentado. Defensores de Michael Moore, por exemplo, aliam-se a essa segunda postura. Você tem algum critério ou regra para criar uma ética do olhar para o personagem olhado? Mostrou o filme ao velho de *Alma do Osso* antes da montagem final? Mudou ou mudaria algo a pedido do personagem?

Guimarães: Minha ética pessoal nasce de uma confiança mútua entre quem olha e quem se deixa observar. Algo misterioso que nasce de um encontro. Obras de arte são fruto deste mistério. Um personagem de documentário entrega sua vida para ser retratada na medida de sua confiança por quem a está retratando. Não existem fórmulas, não existem regras. Tudo passa muito mais por talvez uma ternura do olhar do que por um bloco de notas. Esta entrega, esta confiança, esta afetividade se propaga até a montagem e finalização do filme. Quando monto um filme ainda estou empregnado de afeto e respeito pelo personagem e isto reflete naturalmente em seu resultado. Não consigo ser frio e distante. O tema de um documentário não é apenas seus personagens. Tudo se revela, tudo se mostra, tudo se expressa, a humanidade deste encontro, com suas virtudes e seus defeitos. Um filme é um fluxo de vida e não fruto de um olhar desgarrado, frio e racionalista sobre uma realidade (pelo menos no meu caso). O desejo de fazer um filme nasce de um fascínio por alguém ou alguma coisa. Por isso fazer um filme é um ato de amor e como qualquer relação amorosa que se preze gera uma ética particular, recíproca, de entrega e cuidado. Não mostrei ainda o filme ao 'velho', talvez muito mais jovem do que todos nós, de *A Alma do Osso* por questões técnicas, mas tenho a consciência

completamente tranquila de que fui fiel ao que brotou deste encontro. Cito aqui as palavras do júri internacional que premiou por unanimidade o filme no festival 'É tudo verdade' deste ano para ilustrar um pouco o que quero dizer sobre esta ética pessoal: '...meticuloso em sua observação detalhada de um indivíduo único e ainda poderosamente inovador em sua forma; focaliza um lugar específico e ao mesmo tempo trata de assuntos universais. O cineasta forja uma relação de respeito mútuo entre ele e seu assunto mas nunca foge à sua altamente refinada estética pessoal. Elegante em sua contenção, humano em seu tratamento ...'

ⁱ Publicado na Revista Época- edição 310 (abril 2004)

<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT718586-1655,00.html> (acesso em 10/03/07)